

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADES DOS JOGADORES DE *RUGBY* NO FILME *INVICTUS*

Francisca Islandia Cardoso Da Silva¹

Resumo

Este artigo se propõe a identificar e analisar as representações sociais de masculinidades de jogadores de *rugby* a partir do filme *Invictus*, de Clint Eastwood. Em termos estruturais, faz-se, em um primeiro momento, uma aproximação com o *corpus* de estudo. Em seguida, realiza-se, à luz da Teoria das Representações Sociais, a exposição das representações sociais de masculinidade de jogadores de *rugby* recorrentes no filme, especialmente quanto a corpo, gênero e sexualidade. As representações sociais dos jogadores estão relacionadas a um padrão tradicional de masculinidade marcado pela força, coragem, potência, agressividade, virilidade e resistência à dor. Mas também houve momentos de ruptura, de contraposição a essa representação de masculinidade tradicional. Observaram-se momentos de fragilidade, sensibilidade, companheirismo, respeito e solidariedade. As representações sociais têm influência sobre as relações de gênero, haja vista serem um conjunto de valores, interpretações e conceitos sobre determinado objeto em dado momento histórico, social e cultural. O "ser homem" ontem não é o mesmo de hoje, nem o será amanhã.

Palavras-chave: representação; masculinidade; esporte; rugby.

Social representations of masculinities of rugby players in the movie *Invictus*

Abstract

This article aims to identify and analyze the social representations of masculinity in rugby players based on Clint Eastwood's film *Invictus*. In structural terms, at first, an approximation with the study corpus is made. Then, in the light of the Theory of Social Representations, the exposition of the social representations of masculinity of rugby players recurring in the films is carried out, especially regarding body, gender and sexuality. The social representations of the players are related to a traditional pattern of masculinity marked by strength, courage, potency, aggressiveness, virility and resistance to pain. But there were also moments of rupture, of opposition to this representation of traditional masculinity. Moments of fragility, sensitivity, companionship, respect and solidarity were observed. Social representations influence gender relations, give that they are a set of values, interpretations and concepts about a given object at a given historical, social and cultural moment. "Being a man" yesterday is not the same as today, nor will it be tomorrow.

Keywords: representation, masculinity; sport; rugby.

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí (2010). Atualmente exerce o cargo de Educadora Física na Fundação Municipal de Saúde de Teresina. Possui especialização em Personal Training pela Universidade Estadual do Piauí. É mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí.

**Representaciones sociales de masculinidades de los jugadores de *rugby* en la
película *Invictus***

Resumen

Este artículo tiene como objetivo identificar y analizar las representaciones sociales de la masculinidad en jugadores de rugby a partir de la película *Invictus* de Clint Eastwood. En términos estructurales, en un primer momento, se realiza una aproximación con el corpus de estudio. Luego, a la luz de la Teoría de las Representaciones Sociales, se lleva a cabo la exposición de las representaciones sociales de la masculinidad de los jugadores de rugby recurrentes en la película, especialmente en lo que se refiere al cuerpo, el género y la sexualidad. Las representaciones sociales de los jugadores se relacionan con un patrón tradicional de masculinidad marcado por la fuerza, el coraje, la potencia, la agresividad, la virilidad y la resistencia al dolor. Pero también hubo momentos de ruptura, de oposición a esta representación de la masculinidad tradicional. Se observaron momentos de fragilidad, sensibilidad, compañerismo, respeto y solidaridad. Las representaciones sociales influyen en las relaciones de género, dado que son un conjunto de valores, interpretaciones y conceptos sobre un objeto dado en un momento histórico, social y cultural dado. "Ser hombre" ayer no es lo mismo que hoy, ni lo será mañana.

Palabras clave: representación, masculinidad; deporte; rugby.

Introdução

As pessoas pensam e organizam suas ideias por meio de um sistema linguístico apoiado na cultura e em representações. Elas estão conscientes daquilo que as convenções lhes permitem, porém não as percebem. É a partir da ideia de consciência–inconsciência dos atos e pensamentos que Serge Moscovici (2003, p. 35) propõe a Teoria das Representações Sociais (TRS), cujo objeto de estudo consiste na realidade simbólica partilhada socialmente. Interessa à TRS dialogar com a tríade sujeito individual – sujeito social – objeto, estando o sujeito social, propositadamente, entre o indivíduo e o objeto por atuar como mediador da relação entre estes (WOLTER, 2014, p. 35). Trata-se, portanto, de uma perspectiva que compreende o sujeito como ativo na construção e reconstrução coletiva do saber, através das interações sociais (PALMONARI; CERRATO, 2014).

A TRS torna possível a detecção de significados e valores que um dado grupo compartilha sobre determinado fenômeno e as implicações desses sobre os comportamentos e atitudes dos sujeitos. Destarte, o estudo das representações sociais pressupõe a valorização das dimensões sociais e culturais específicas ao contexto em análise.

A visão cartesiana indivíduo–sociedade não se aplica às representações sociais. Ao mesmo tempo que o sujeito age sobre o mundo, há uma reação sobre ele. É o contato com uma complexa e difusa pluralidade de informações, culturas e saberes que fundamenta a disposição das representações sociais.

Para Moscovici (2003, p. 52) é nos pontos de tensão entre as culturas que se dá a construção da representação social, pois, nesse ínterim, os sujeitos sentem necessidade de entender as questões que pululam em seu cotidiano. Torna-se importante ressaltar que, haja vista o caráter construtivo e interacional da cultura, as representações sociais são fruto de uma sequência de elaborações e reelaborações construídas – e que, concomitantemente, constroem – a partir dos aspectos cognitivos, culturais e sociais dos indivíduos. Logo, a representação social não é uma criação individual, mas um processo de construção que engloba o individual e o coletivo. As representações sociais restauram e dão forma à consciência coletiva, explicando objetos e conhecimentos e tornando-os acessíveis e coincidentes com os interesses imediatos de qualquer pessoa.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

A representação social torna familiar o estranho, torna-o cognoscível, conferindo sentido e percepções a um dado fenômeno/realidade. “De fato, representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes” (MOŠCOVICI, 2003, p. 62).

Por meio das representações, os sujeitos se sentem seguros em se comunicar significativa e objetivamente, pois elas orientam e justificam condutas, explicam realidades sociais, preservam as diferenças e, o ponto que interessa a este estudo, definem as identidades, as quais são constituídas, dentre outros aspectos, pelas masculinidades.

As masculinidades são criadas e ressignificadas constantemente, pois, como lembra Almeida (1995, p. 128), ser homem não se reduz a características biológicas sexuais, mas engloba um amplo espectro de atributos comportamentais, socialmente avaliados e sancionados. A abordagem das masculinidades a partir da TRS contribui para a compreensão ampla dos múltiplos contextos e processos históricos, sociais e culturais envolvidos em sua construção, porque “é mais do que a listagem de sentidos verbalizados sobre objetos, e sim uma tentativa de abarcar o marco do jogo representacional e sua complexidade em esferas públicas” (JOVCHELOVITCH, 2014, p. 227).

Diante deste cenário, o presente estudo se propõe a identificar e analisar as representações sociais de masculinidade de jogadores de *rugby* a partir da análise do filme *Invictus* (2009), de Clint Eastwood.

Procedimentos metodológicos

A decisão metodológica pelo uso do filme *Invictus* como *corpus* de análise leva em consideração que, segundo Vanoye e Goliot-Lété (1994), as relações sociais podem ser apreendidas através da análise dos sentidos e significados mobilizados no cinema. Essa possibilidade decorre do fato que, segundo os autores, qualquer arte da representação “gera produções simbólicas que exprimam mais ou menos diretamente, mais ou menos explicitamente, mais ou menos conscientemente, um (ou vários) ponto(s) de vista sobre o mundo real” (ibid., p. 61).

Por meio da análise de peças fílmicas, de seus esquecimentos e realces, é possível realizar uma leitura da realidade, pois estas

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

podem exprimir certas peculiaridades do universo social, ampliando suas possibilidades de problematização e compreensão.

Optou-se por estudar a questão das masculinidades no *rugby* por considerar que esta modalidade vem crescendo gradualmente no número de praticantes e espectadores, tendo, inclusive, estreado em 2016 nos Jogos Olímpicos.

O *rugby* é um esporte coletivo com origem na Inglaterra e popular na Europa, América do Sul e em países de colonização britânica, como Nova Zelândia, Austrália e África do Sul. De acordo com a *World Rugby* (2017a), entidade máxima da modalidade, o *rugby* é praticado em mais de 120 países por mais de 6,6 milhões de jogadoras/es. Além disso, ao enfatizar a dimensão corporal, a prática esportiva é um campo mediador na construção das masculinidades ao articular significações, valores e representações de gênero propícios à remodelação, reconfiguração ou para a manutenção das masculinidades hegemônicas e, assim, do status quo nas relações sociais de gênero, pois as disputas e conflitos presentes no cotidiano esportivo de crianças, jovens, adultos e idosos em diferentes espaços sociais (como quadras, piscinas, ginásios, ruas, praças, parques e academias), provocam e realçam polêmicas acerca de “‘corpos generificados’ em movimento, sejam eles bonitos ou fora dos padrões legitimados pela norma social” (KNIJNIK, 2010, p. 19).

Baseando-se no conceito de Gramsci, Connell salienta que o termo hegemônico

[...] signifies a position of cultural authority and leadership, not total dominance; other forms of masculinity persist alongside. The hegemonic form need not be the most common form of masculinity. (This is familiar in school peer groups, for instance, where a small number of highly influential boys are admired by many others who cannot reproduce their performance.) Hegemonic masculinity is, however, highly visible. It is likely to be what casual commentators have noticed when they speak of ‘the male role’. (CONNELL, 2002, p. 17)

O corpo é, ao mesmo tempo, produto de processos educativos geridos por diversos agentes pedagógicos e agente produtor de novos processos. De modo similar, a masculinidade hegemônica não é um tipo fixo, e nem é a mesma em toda parte. Trata-se de uma relação histórica e culturalmente móvel e, nessa perspectiva, contestável. Na medida em que há resistência à masculinidade hegemônica, suas bases são fragilizadas e torna-se possível a

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

constituição de masculinidades alternativas e, a depender da magnitude e longevidade dos questionamentos, de uma nova hegemonia (CONNELL,1997).

Em termos estruturais, faz-se, em um primeiro momento, uma aproximação com o *corpus* de estudo, o filme *Invictus*. Em seguida, realiza-se a exposição das representações sociais de masculinidade de jogadores de *rugby* recorrentes no filme, especialmente aquelas relacionadas a corpo, gênero e sexualidade.

Primeiras aproximações com *Invictus*

Haja vista a necessidade de melhor delimitar o *corpus* de análise deste estudo, o filme *Invictus* (2009), a seguir consta um breve resumo da obra.

O filme *Invictus*, de Clint Eastwood, é uma homenagem à figura de maior importância na luta contra a política do *apartheid* na África do Sul, Nelson Mandela. Baseado na obra *Playing the enemy: Nelson Mandela and the game that changed a nation*, do jornalista inglês John Carlin, o filme narra a maneira pela qual Mandela, recém-eleito presidente da África do Sul, utilizou-se da Copa do Mundo de *Rugby* e do selecionado nacional como forma de reforçar o sentimento de pertencimento e a identidade nacional.

Já na primeira sequência, o filme mostra como a polarização racial atinge também o campo esportivo. A imagem mostra um campo de futebol e outro de *rugby*, separados por uma estrada, por onde passa a comitiva do líder sul-africano Nelson Mandela, que havia sido recém-liberto da prisão onde esteve por mais de três décadas. De um lado, jovens negros pobres disputando uma partida de futebol em um campo de várzea; de outro, jovens brancos e – a considerar seus uniformes, aparência física e o estado do campo em que jogam – de boa condição financeira, treinando *rugby*.

Passam-se alguns anos e, em 1994, Mandela é conduzido ao cargo de presidente da África do Sul. Nesse novo cenário institucional, o presidente, para surpresa de seus correligionários partidários, dedica especial atenção ao *rugby*. Enquanto se esperava que Mandela sufocasse o “jogo de brancos”, como era visto o *rugby*, mudando as cores, o hino e os jogadores do *Springboks* – nome pelo qual se conhece a seleção nacional de *rugby* sul-africana, também chamada de *Bokke* –, ele faz justamente o contrário: investe e valoriza o time.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

Essa relativa conversão a favor do *rugby*, a despeito de tudo o que este esporte representava, é resultado de várias ações governamentais articuladas a fim de apagar os traumas do *apartheid* e construir uma nação unida, através do respeito tanto aos símbolos da cultura branca, quanto às culturas negras. Nesse sentido, o *Springboks* serve como instrumento demonstrativo da real possibilidade de convívio pacífico e respeitoso entre as diferentes etnias sul-africanas.

A produção tem seu desfecho com a conquista do título de campeão mundial de *rugby* pelo selecionado sul-africano diante do *All Blacks*, equipe da Nova Zelândia, em 24 de junho de 1995, com a presença de Nelson Mandela no estádio.

Apesar de baseado em fatos reais, *Invictus* não foge à regra da indústria cinematográfica e comete manipulações para não comprometer o enredo clássico: o herói – Mandela – é confrontado por um desafio – a luta contra o racismo – e, ao final, após uma longa e emocionante batalha, tem como desfecho sua vitória – visualizar no campo de *rugby* as diferentes etnias sul-africanas unidas; ou, como diz Carlin (2009, p. 261): “[...] a África do Sul finalmente era um só país”. Não se nega aqui a importante participação do *rugby* no processo pós-*apartheid* sul-africano, mas isso se deu em um limitado contexto sociopolítico.

Jogadores de *rugby* em *Invictus*: selvagens ou cavalheiros?

A construção da representação social ocorre a partir de dois processos fundamentais e concomitantes: ancoragem e objetivação. A ancoragem se refere ao processo cognitivo de classificação e nomeação de um objeto estranho a partir de um saber preexistente e reconhecido, uma rede de valores e significações disponível na memória, e, assim, torná-lo hábil a ser disposto socialmente, revelando-se como uma verdade para certo grupo. Já a objetivação, “percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto”, torna-se física e acessível ao unir as ideias de não familiaridade e realidade (MOSCOVICI, 2003, p. 71).

Conseqüentemente, a representação social modela e é modelada pelas relações sociais, pois interfere diretamente na reelaboração das estruturas e dos elementos sociais e necessita dessas relações para ecoar (MOSCOVICI, 2003). Dessa forma, a representação social, ao acentuar a mediação simbólica, consiste na avaliação e seleção valorativa de conceitos sociais (LAHLOU, 2014). Ancorado

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

sobre questões culturais que significam e associam as ideias de grandeza, força e desempenho físicos aos homens, historicamente o *rugby* é considerado uma modalidade masculina e masculinizadora por excelência (DUNNING, 1985).

Cuidado necessário a toda pesquisa científica que vise deduzir representações partilhadas por um dado grupo de pessoas é o exame dos “processos pelos quais o sujeito se apropria e constrói suas representações” (JODELET, 2009, p. 696). Deste modo, as interpretações sobre as representações sociais de masculinidade dos jogadores de *rugby* só se tornam plausíveis a partir da compreensão do contexto cultural que lhes ancora.

Levando em consideração o estudo sociológico sobre a origem do *rugby* escrito por Dunning e Sheard (2005), pode-se afirmar que a modalidade nasceu em meados do século XIX na escola pública inglesa. A composição dessas escolas por jovens da burguesia e da nascente classe média, e o esporte em si, pouco a pouco, foram determinantes para a construção de uma identidade de nobreza, cavalheirismo e virilidade. Isso porque, por um lado os valores do *rugby* – amadorismo, *fair play*, atividade de lazer – e sua prática eram vistos como técnicas de educação e socialização dos futuros líderes militares e administrativos da nação britânica. Por outro lado, o contexto de desenvolvimento da modalidade propiciou sua caracterização como uma prática simbólica de confronto, como campo de treino para a guerra (DUNNING, 1985, p. 395).

Em seu trabalho sobre sociologia do esporte, Dunning (1985, p. 389) identificou o início do *rugby* como esporte, associado a uma “área masculina reservada”, como uma atividade definida por um *ethos* guerreiro, onde a bola possuía, por vezes, pouca importância. Um ex-estudante da *Rugby School* (ibid., p. 396-397) relatou em entrevista publicada em 1860 que se esquivar do contato com o adversário, desviando ou passando a bola para outro companheiro, era considerado um ato “desleal e efeminado”. Segundo o relato, a modalidade valorizava o embate, o contato físico, a força, a coragem e a virilidade, que poderiam ser traduzidas no envolvimento em caneladas mútuas entre os jogadores.

Segundo o autor supracitado, o *rugby* é assinalado pelo culto à violência e à força, controle da dor, pela sociabilidade dos homens e entre homens, pela misoginia e pela homofobia, pois as gamas de significados expressos através de tradições inventadas se referem não apenas às especificidades técnicas da modalidade, mas também aos modos de ser um jogador, homem, viril. Nos clubes de *rugby* ingleses do século XIX, os homens enalteciam o culto à

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

virilidade em resposta ao crescente empoderamento feminino conquistado pelas lutas sufragistas da época.

Esse embate ideológico de gênero entre os homens ingleses e as sufragistas mostra a força da dimensão simbólica das representações. As concepções dos homens quanto às mulheres não eram aceitas pelo segundo grupo e vice-versa. Cada um desses grupos sociais construiu e se adaptou a representações com base no conhecimento que possuía da realidade e formulou estratégias para legitimar sua posição em detrimento de outra. Como diz Jovchelovitch (2014, p. 218), “aquilo que parece irracional ou errado para o observador externo, tem sentido para o sujeito do saber”.

Em cena de *Invictus*, o personagem Johan De Villiers, jornalista, comenta sobre o jogo do *Springboks* (ou *Bokke*, como era tratado pelos torcedores e o será, também, neste artigo) contra o selecionado inglês (*England Rose's*).

O time de François Pienaar veio para o estádio *Loftus Versfel Stadium* esta tarde despreparado e arrogante. E saiu, 80 minutos depois, com o rabo entre as pernas como um vira-lata. [...] O time de Pienaar jogou sem disciplina, sem estratégia e sem coragem. [...] Eles trouxeram vergonha para a nossa nação. E eu posso dizer, sem medo de contradição, que, hoje, esses quinze supostos jogadores não merecem usar o sagrado verde e ouro.

De acordo com De Villiers, faltou aos jogadores o que Elias (1985, p. 204) chama de “*ethos* guerreiro”, o qual pode ser canalizado através do esporte e utilizado como uma ferramenta de controle dos corpos. Corroborando a ideia do autor, Light e Kirk (2000) examinaram uma escola de elite australiana onde uma clara estrutura de masculinidades foi conjurada através do *rugby* e centrada na dominação, agressão e na competição implacável. Essa é a crítica, no filme, do jornalista ao *Bokke*: faltou aos jogadores dominar e serem implacáveis com o time adversário. Esse discurso parece ser relativizado pelo jornalista como parte dos valores do *rugby* como esporte.

Neste ponto, deve-se atentar para a influência que a mídia exerce sobre os sujeitos e as representações sociais; influência esta reconhecida por Pienaar que, enquanto assiste a *De Villiers*, confessa para a esposa que o jornalista pode fazer com que ele seja banido do *Bokke*. O discurso da mídia pode ser um dispositivo

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

de ancoragem, o saber preexistente necessário à construção de representações sociais, pois ele contribui para a construção da realidade conhecida e, conseqüentemente, das práticas sociais. As representações sociais têm repercussão direta no comportamento e nas atitudes dos indivíduos, pois compõem estruturas de saber que orientam, em dado momento histórico, os grupos sociais (MOSCOVICI, 2003). Em suma, Pienarr, realmente, tinha motivos para ter medo.

Quando o jornalista afirma que os jogadores envergonharam a África do Sul e não merecem usar o verde e ouro da bandeira – e do uniforme do time –, faz-se uma clara alusão a um movimento de guerra, ao *rugby* como uma forma de conflito entre dois grupos. O jogador de *rugby* torna-se uma figura análoga a um soldado, que deve possuir inteligência, coragem e disciplina – requisitos básicos para honrar não só a camisa, mas também a sua pátria, e que lembram os fundamentos do treinamento militar.

Segundo Hobsbawm, os esportes de massa representam um instrumento de identificação nacional, de autoafirmação da própria potência. O *rugby* na África do Sul traz em si essa associação com o nacionalismo, pois é um dos esportes mais disseminados e valorizados pela população. Hobsbawm (1990, p. 171) clarifica a relação entre esporte e nação ao declarar que o esporte se tornou “um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens”, devido à facilidade com que os indivíduos “podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz”. Importa ressaltar que o autor supracitado fala do esporte como instrumento nacionalizador, mas a ser praticado somente por homens. “Eles” é quem teriam a função de defender a nação e demonstrar sua força frente às outras. Esta função foi duramente cobrada por De Villiers aos jogadores do *Bokke*.

No jogo final, *All Blacks versus Springboks*, essa ideia de confronto fica explícita na fala de Pienaar: “Levantem a cabeça. Olhem nos meus olhos. Estão ouvindo? [torcida entoando] Ouçam o seu país. [...] É isso aí. É o nosso destino. Vamos *Bokke*”.

Para Moscovici (2003, p. 35) “nenhuma pessoa está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura”. À medida que os indivíduos entram em contato com a cultura, com as informações, as crenças e os valores que constituem a sociedade, começam a se sentir

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

parte de um dado grupo e a organizar suas concepções – ratificando umas e reformulando outras – e seu modo de participação no grupo de acordo com as representações sociais adotadas (JODELET, 2006). A fala de Pienaar e os comportamentos e atitudes dos jogadores durante o filme demonstram que eles adotaram a representação social de defensor da África do Sul.

Em outra cena do filme, após mais uma partida contra o selecionado inglês e nova derrota, os jogadores do *Bokke* partem em direção ao vestiário, onde, ao tomarem cerveja, reclamam do seu gosto e jogam as latas nos armários, paredes e portas. A frustração dos jogadores não se dá, simplesmente, em razão do gosto ruim – ou como diz um dos jogadores, “gosto de merda” – da cerveja, mas à péssima sensação causada pela nova derrota em campo. O terrível sabor da derrota é incorporado à cerveja dos jogadores do *Bokke*.

Pierre Bourdieu (2012, p. 65) afirma que a ordem masculina impõe ao homem a obrigação de possuir e demonstrar, a todo momento, virilidade, a qual caracterizaria sua capacidade reprodutiva, sexual e social. Uma das formas de demonstrar esse atributo e estabelecer a reputação masculina é por meio das práticas corporais, principalmente quando arriscadas, como o é o *rugby*. Porém, essa virilidade é, ao mesmo tempo, a glória e a angústia do homem, porque em busca de um ideal impossível, os homens são levados, por vezes, a investir em atos e jogos assinalados pela violência.

O esporte seria um dos meios para legitimar a virilidade, visualizada na aptidão física para o combate. Analisando especificamente a cena aqui relatada, entende-se que a exigência por atestar virilidade é incômoda aos jogadores do *Bokke*, pois ela é posta à prova a cada partida do time.

A reação dos jogadores ilustra o aspecto relacional atribuído às questões de gênero por Scott (1995). O conceito de gênero adotado por Scott considera as instituições, os símbolos, os saberes, entre outros aspectos constituintes da sociedade, como permeados por representações de masculinidade e feminidade, que são historicamente ressignificadas. Para a autora, a relação de gênero não deve ser posta como oposição entre homens e mulheres, como supremacia do sexo masculino sobre o feminino. Para Scott, o gênero está envolto e é uma forma de se dar significado às relações de poder, o qual, segundo as noções de Foucault (2011), regularia as relações sociais e identitárias em meio às representações circulantes. Deste modo, o poder não está

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

localizado em um lugar, uma pessoa ou instituição, mas se exerce em rede através de estratégias que, ao invés de oprimir, estimulam.

A partir da reação dos jogadores, confirma-se que nesse processo de tomada de consciência do objeto, de construção da representação, está imbricado um saber do sujeito que, construído na alteridade social, forma-se a partir da interação com o objeto, e mediado pela linguagem, comunicação e comportamentos se fortalecem como grupo. Os jogadores do *Bokke* compartilham da representação de masculinidade que lhes é atribuída, por isso a raiva pela derrota. É não só pela derrota em si, mas também porque ela provoca uma ruptura na representação de masculinidade que eles têm do grupo e de si mesmos.

A partir dessa concepção de representação social como fruto das experiências sociais e culturais, Jodelet (2009) apresenta três esferas de pertença das representações sociais: a subjetividade, a intersubjetividade e a transubjetividade. Na esfera da subjetividade são considerados “os processos que operam no nível dos indivíduos eles-mesmos” (p. 696). A intersubjetividade se refere às situações que “contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta” (p. 697). E a esfera da transubjetividade engloba os sujeitos, os grupos sociais, o contexto interacional e as estruturas comunicacionais (produções discursivas e trocas verbais). Deste modo, a representação não existe somente no discurso. Ela necessita ser tecida na prática social, na interação entre suas esferas de pertença, pois só assim os saberes poderão ser transformados.

Afora as reações de descontentamento pelas derrotas em jogos, em outras cenas, as de vitória, os jogadores parecem valorizar e tomar para si a ideia de virilidade. Exemplo disso se dá quando, após partida contra o time australiano, o *Wallabies*, que saiu derrotado, os jogadores do *Bokke* partem para comemorar com suas famílias em um restaurante. Um dos jogadores, Stransky – que, pontuou no jogo – passa por um momento de “batismo” quando é desafiado a beber uma caneca grande de cerveja enquanto os companheiros entoam uma música. Cumprido o desafio, todos os jogadores vibram com o novato. A tradição do *rugby* exige que a virilidade seja demonstrada não apenas nos momentos de treino e de jogo, mas também extracampo (DUNNING, 1985, p. 399).

Em cena com os agentes da segurança pessoal de Mandela, estes discutem sobre a diferença entre o futebol e o *rugby*.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

Agente 1: Ah, eu prefiro o futebol.

Agente 2: Sabe o que dizem sobre o futebol? Que é um jogo de cavalheiros jogado por selvagens. Por outro lado, *rugby* é um jogo de selvagens jogado por cavalheiros.

Por ter como fundamentos táticos a conquista de território, o alto contato físico e a força, o *rugby* é considerado por muitos um jogo violento.

Carmem Rial (2000), em estudo sobre o *rugby* em sua dimensão de masculinidade, encontrou relatos de pais e mães de jogadores desta modalidade esportiva que confirmavam essa representação de esporte violento. Segundo a autora, muitos dos pais “se opõem a que os filhos pratiquem esse esporte sem, contudo, impedi-los” (p. 238). O relato de um dos familiares participantes da pesquisa de Rial materializa essa representação: “Por mim, M [denominação dada pela autora ao jogador] nunca jogaria isso, não é esporte, é pura violência” (p. 238).

Esse atributo negativo de brutalidade é repassado ao grupo de praticantes da modalidade. Tal característica é exposta em cena da visita do *Bokke* à periferia de Soweto. Ao questionar um garoto sobre a principal regra do *rugby*, este responde: “Você acerta o jogador quando o juiz não está vendo”. Em outro momento, a assessora pessoal de Mandela, Brenda, observando as fotos dos rostos dos jogadores do *Bokke* fala: “Eles parecem bandidos”.

Retomando o conceito de objetivação proposto por Moscovici (2003), recorda-se que este processo se refere à sedimentação dos elementos constituintes da representação social por meio da transformação de um registro simbólico abstrato em um objeto concreto, um complexo de imagens compreensíveis e reproduzíveis no mundo exterior. Assim, “desde que suponhamos que as palavras não falam sobre ‘nada’, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não verbais para elas” (MOSCOVICI, 2003, p. 72).

O conceito de masculinidade do jogador de *rugby* se incorpora à realidade, é objetivado, na medida em que transpõe os limites do pensamento para fazer parte do mundo real. A imagem atribuída aos jogadores do *Bokke*, em *Invictus*, é a de selvagens e bandidos. Durante todo o filme, fica clara a incorporação desse conceito e dessa imagem quanto aos jogadores no dia a dia das pessoas.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

Como ilustrado em sua fala, um dos agentes de segurança (agente 2) discorda dessa ligação direta do *rugby* e seus praticantes à selvageria. Também com a explícita intenção de desconstruir essa representação, a *World Rugby* (2017b) defende que o *rugby* é marcado por uma política de respeito entre os jogadores, além dos seguintes valores: integridade, paixão, solidariedade e disciplina. As diferenças entre os jogadores se circunscrevem ao campo e aos 80 minutos de jogo (no caso do *rugby* de 15, visualizado no filme), mantendo-se, claro, os ideais de jogo limpo e o respeito às regras e à autoridade do árbitro. Fora do jogo, deve-se promover uma postura honrada e nobre que passa pela construção da imagem pessoal dos jogadores.

Essa delimitação do uso da violência pode ser visualizada em *Invictus* quando, em partida *Bokke versus Samoa*, uma briga generalizada se inicia após um jogador adversário atingir um do *Bokke* com um *tackle* (interceptação do avanço territorial do jogador com a posse da bola, jogando-o ao chão) quando o último já tinha posse da bola, o que configura desrespeito à regra de jogo. Ao final da partida, vencida pelo *Bokke*, os jogadores de ambos os times se cumprimentaram, demonstrando respeito entre si. É importante destacar que o *rugby*, assim como diversas outras modalidades esportivas, possui uma regulamentação universal e fundamentos técnicos que garantem a boa condução dos jogos e reduzem o risco de danos à integridade física dos praticantes.

Outro momento em que a imagem de brutamontes do jogador de *rugby* é contestada é quando François recebe a visita da esposa no hotel onde está hospedado com o restante da equipe. A mulher fica surpresa ao ver o marido ler um poema:

Esposa de François: Como é que um poema ajuda a jogar *rugby*?

François: É como a sua visita. Inspiração.

A leitura de poemas não está vinculada à imagem de homem jogador de *rugby* que a esposa de François possui. Mas existe somente um modo de ser homem? Considerando-se o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, a resposta a essa pergunta é não. O gênero como já exposto por Scott (1995) possui âmbito relacional, é uma construção interacional e, por isso, significada e ressignificada contexto cultural, que se transforma ao longo do tempo.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

Corrobora esse posicionamento Connell (1995, p. 191), que considera que, apesar da ideologia popular representar o gênero como “estável e ‘natural’”, as masculinidades sofrem modificações historicamente. O atual padrão hegemônico de masculinidade, a chamada masculinidade tradicional, ou ideal, é produto da modernidade.

Para demonstrar a historicidade da masculinidade, a autora cita estudo realizado por Jock Phillips sobre as mudanças nas estratégias de gênero do estado colonial neozelandês. Durante o processo de colonização, o Estado, tentando controlar o nível de violência, principalmente nas áreas de mineração, promoveu um padrão doméstico de patriarcado. No início do século XX, envolvidos em guerras imperiais, o Estado adota nova política de gênero e passa a estimular masculinidades assinaladas por comportamentos violentos. O *rugby*, na figura da seleção nacional, o *All Blacks*, foi um dos elementos de propaganda do nacionalismo militarista e da masculinidade requisitada pelo Estado à época.

De acordo com Jodelet (2006), as representações sociais compõem uma rede de interpretação da realidade, organizando e orientando a interação entre o indivíduo e mundo exterior, bem como suas condutas e comportamentos no meio social. Este fato possibilita identificar o contexto cultural, social e histórico como elementos fundamentais para a construção e compreensão das representações sociais de masculinidades. As experiências e observações cotidianas dos indivíduos alicerçam o processo de apropriação de valores e significados em torno das masculinidades. Logo, também a partir da perspectiva da Teoria das Representações Sociais, a masculinidade não é única, não é fixa, mas plural. Fala-se em masculinidades.

Sobre a poesia no universo masculino, Almeida (1995, p. 213) afirma que, além da música, este é outro espaço de expressão de sentimentos e emoções consentido aos homens. O autor cita o exemplo da poesia popular – as décimas – elaboradas no vilarejo de Pardais, em Portugal. As décimas de autoria de José Seco eram ouvidas com atenção pelos outros homens, que chegavam a se emocionar durante as leituras, em contraste com a imagem de que força e autossuficiência são identificáveis – e comprovadas – nos homens em sua inexpressão de sentimentos.

Rial (2000) cita outro elemento que é vinculado à imagem de cavalheiros dos jogadores de *rugby*, sua vestimenta quando de aparições públicas, afora os jogos. Segundo a autora, é comum que, nesses casos, as equipes trajem terno e gravata. Em uma cena

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

de *Invictus*, os jogadores do *Bokke* chegam à Cidade do Cabo e são recebidos pela torcida usando os trajes citados por Rial.

Em reunião com Mandela, François é questionado sobre a situação clínica de seu tornozelo, haja vista contusão que teria sofrido, ao que responde: “Na verdade, senhor, a gente nunca joga 100%. No esporte é assim”. O relato do jogador incorpora a representação de masculinidade referente à capacidade de resistência à dor.

Rial (2000) cita que no *rugby* a dor, os ferimentos e lesões são manifestações físicas comuns entre os jogadores e apreciadas como inerentes à figura do macho. O corpo é, portanto, elemento primordial para a construção da masculinidade por se constituir como suporte de significados para além do puramente físico. O seguinte trecho do estudo da autora mostra que o sentimento vivido por François é compartilhado por outros jogadores de *rugby*: “Mas essa dor é vivenciada por Y [denominação dada pela autora ao jogador] com uma certa dose de prazer; as cicatrizes são exibidas com orgulho e, não raras vezes, ele [o jogador participante do estudo] e seus parceiros sacrificam-se jogando machucados” (p. 235).

A dor no *rugby* pode vir tanto do contato físico na disputa pela bola, quanto do treino, em que situações de jogo são testadas. Cabe ao jogador aprender a lidar com ela, caso contrário, não tem a honradez necessária para a prática do esporte. Nesse sentido, Rial (2000, p. 248) acrescenta que nos esportes: “A derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final (assim como a pobreza não desonra). A desonra vem de não se ter sacrificado com o corpo, de não se ter resistido à dor”.

Os momentos de contato entre os jogadores e os ferimentos são expostos em *slow motion*, *close up* ou edição de som que realce os momentos de impacto em vários momentos do filme, principalmente quando das vitórias do *Bokke*. Em cena emblemática, o *Springboks* assiste ao jogo *All Blacks versus England Rose's*. A atenção dos “*Bokke*” se volta para um jogador neozelandês, Jonah Lomu, que pesa 120kg e é veloz. O seguinte texto se desenrola:

Pienaar: O Lomu tenta contato sempre que pega bola. Isso é bom pra gente. Eu quebro um braço, uma perna e o meu pescoço, mas não deixo esse cara passar.

Jogador “*Bokke*” 2: Estamos com você, capitão.

Jogador “*Bokke*” 3: Por mim, ele também não passa.

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

Jogador "Bokke" 4: Também não.

A dor e os ferimentos são marcas de esforço, de luta em defesa do time e, no caso, do selecionado, de uma nação. Dessa forma, confere-se ao sofrimento físico valor de masculinidade.

Considerações finais

As características do *rugby* em si – o confronto, o intenso contato físico, a força, o domínio, a necessidade de disciplinarização dos corpos – colaboraram para a observação, em *Invictus*, de representações sociais relacionadas a um padrão tradicional de masculinidade marcado pela força, coragem, potência, agressividade, virilidade e resistência à dor. Isso mostra que o indivíduo fora de seu contexto social, do qual recebe influência e, também, influencia, não tem existência simbólica. É o ser social que estrutura a ação do ser individual.

Mas também houve momentos de ruptura, de contraposição a essa representação de masculinidade tradicional. Observaram-se momentos de fragilidade dos jogadores após as derrotas nas partidas; sensibilidade, ao buscar inspiração para os jogos nas poesias; companheirismo, ao defender os companheiros de equipe, e; respeito e solidariedade, ao deixar na partida, em seu tempo delimitado, todas as possíveis indisposições contra os adversários e cumprimentá-los pelo seu desempenho em campo, seja ganhando, seja perdendo.

Tendo em conta que as representações sociais tornam familiar o estranho, não é prudente afirmar que as representações de masculinidades observadas em *Invictus* se manterão *ad aeternum*. Pelo contrário, já é possível visualizar contrapontos, questionamentos, no próprio filme, inclusive. Cabe-nos acompanhar como se dará o contínuo processo de reelaboração das representações de masculinidades dos homens, jogadores e não jogadores de *rugby*.

Também é importante observar que a vinculação das práticas esportivas, cultural e historicamente, aos homens e às masculinidades tradicionais não é uma questão que emerge apenas na contemporaneidade. A história do desenvolvimento do *rugby*, como mostrado no artigo, é pautada, principalmente, na concepção do homem "macho". Entretanto, assim como notam-se no filme momentos de questionamento à masculinidade

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

hegemônica, acredita-se que também o esporte, como patrimônio cultural do ser humano, pode, a depender do contexto, sofrer modificações em sua estrutura de valores.

Se os primeiros clubes de *rugby*, na Inglaterra, ainda no século XIX, tinham como objetivo a manutenção das representações sociais de masculinidade tradicional em resposta a uma crise causada pelas conquistas do movimento sufragista nas relações de gênero, percebe-se em *Invictus* que a essência desse esporte como uma reserva masculina foi, mesmo que sutilmente, modificada no decorrer do tempo e da continuidade das mudanças nas relações entre as pessoas. Apesar de no filme não ser possível visualizar mulheres jogando *rugby* – até porque foi somente em 1995 que os primeiros campeonatos e torneios femininos tiveram início –, pode-se observar em algumas cenas a presença delas na torcida e nas confraternizações das equipes após os jogos.

A presença daquelas mulheres tem impacto sobre as representações sociais de masculinidades, pois estas são construídas, ao mesmo tempo, intrapessoalmente – considerando a subjetividade dos indivíduos – e, também, no dinâmico processo de interação sociocultural entre os indivíduos. As representações sociais tem influência sobre as relações de gênero, haja vista serem um conjunto de valores, interpretações e conceitos sobre determinado objeto em dado momento histórico, social e cultural. O “ser homem” ontem não é o mesmo hoje, nem o será amanhã.

Referências

- ALMEIDA, M. V. de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995. BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. CARLIN, J. **Conquistando o inimigo**: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. CONNELL, R.W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185–206, jul./dez. 1995. CONNELL, Raewyn. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José. **Masculinidad/es**: poder y crisis. Santiago (Chile): Flacso Chile/Isis Internacional, 1997. p. 31–48. CONNELL, Raewyn. Understanding men: gender sociology and the new international research on masculinities, **Social Thought & Research**, v. 24, p. 13–31. 2002. DUNNING, E.; SHEARD, K. **Barbarians, gentlemen and players**: a sociological study of the development of *rugby* football. 2. ed. London: Routledge, 2005. DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. p. 389–412. ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In:

Representações sociais de masculinidades dos jogadores de *rugby*

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. p. 187–222. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 29. reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. HOBBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

INVICTUS. Direção de Clint Eastwood. S.l.: Warner Bros. Pictures, 2009.

P&B. JODELET, D. Presença da cultura no campo da saúde. In: ALMEIDA, A.M. de; SANTOS, M. de F.S.; DINIZ, G.R.S.; TRINDADE, Z.A. (Orgs). **Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais**. Brasília: UNB, 2006. p. 75–109. JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679–712, set./dez. 2009. JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e a sabedoria da razão. In: ALMEIDA, A.M. de O.; SANTOS, M. de F.S.;

TRINDADE, Z.A. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 211–237. Disponível em:

<<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS%2050%20anos2aEdFinal15mar15.pdf>>. Acesso em: 20. mar. 2017. KNIJNIK, Jorge Dorfman. Fazendo gênero no esporte. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a, p. 17–21. LAHLOU, S. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: ALMEIDA, A.M. de O.; SANTOS, M. de F.S.; TRINDADE, Z.A. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 77–132. Disponível em:

<<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS%2050%20anos2aEdFinal15mar15.pdf>>. Acesso em: 20. mar. 2017. LIGHT, R.; KIRK, D. High School *Rugby*: the body and the reproduction of hegemonic masculinity. **Sport, Education and Society**, v. 5, n. 2, p. 163–176. 2000. MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003. PALMONARI, A.; CERRATO, J. Representações sociais e psicologia social. In: ALMEIDA, A.M. de O.; SANTOS, M. de F.S.; TRINDADE, Z.A. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 402–441. Disponível em:

<<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS%2050%20anos2aEdFinal15mar15.pdf>>. Acesso em: 20. mar. 2017. p. 402–441. RIAL, C.S. *Rugby* e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J.M.; GROSSI, M.P. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. 1. reimpr. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 229–258. SCOTT, Joan.

Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995. VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas (SP): Papyrus, 1994. WORLD RUGBY. **Welcome to Rugby**. 2017a. Disponível em: <<http://www.worldrugby.org/welcome-to-rugby>>.

Acesso em: 01 jul. 2017. WORLD RUGBY. **Rugby's Values**. 2017b. Disponível em: <<http://www.worldrugby.org/welcome-to-rugby/rugbys-values>>. Acesso em: 01 jul. 2017. WOLTER, R.M.C.P. Serge Moscovici: um pensador do social. In: ALMEIDA, A.M. de O.; SANTOS, M. de F.S.; TRINDADE, Z.A. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 27–38. Disponível em:

<<http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/TRS%2050%20anos2aEdFinal15mar15.pdf>>. Acesso em: 20. mar. 2017.